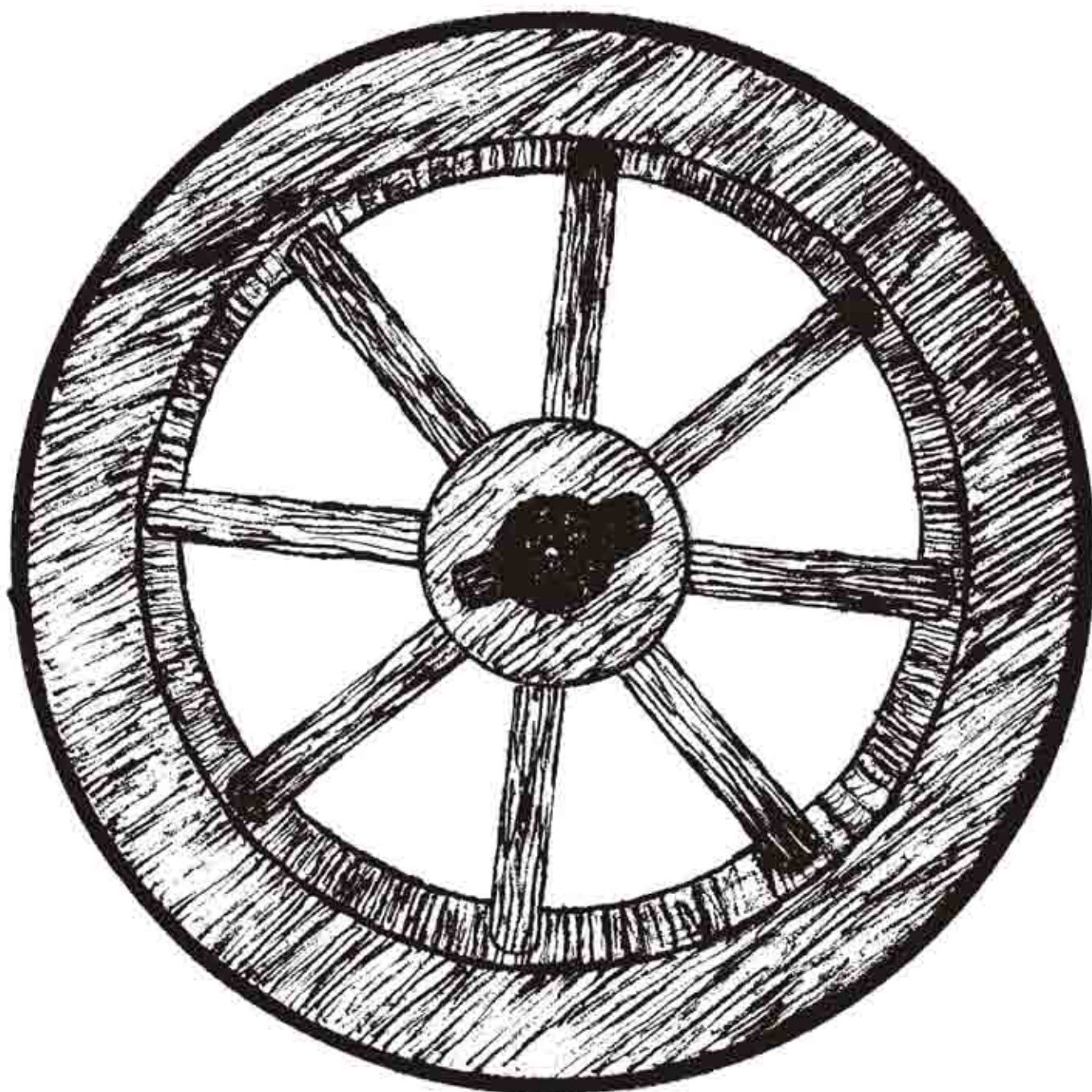


# A rodada

ANO 0 N° 0 ABR-2006

Revista dOs estuDantes de histÓria - Centro Acadêmico do curso de HISTÓria - uff



## Eis, finalmente, o jornal do CAHis nas suas mãos! Perai... jornal? (não é Revista?) do CAHis?

(não é dos estudantes de história?) Pois é isso aí - é a mesma coisa. Eis, finalmente, a revista dos estudantes de história em suas mãos. E isso é o mais importante: de fato, esta revista está nas suas mãos (digamos nossas mãos), estudantes de história. Ela é feita em nossa função, ela existe por e para nós, ela é feita a partir de nossos textos, de nossos partidos, nossos desenhos, desejos, enfim, ela é e somente é o que nós formos capazes de ser e fazer. O Centro Acadêmico está lançando uma proposta que fique, uma publicação da instituição dos estudantes, e não apenas de uma gestão, mas que depende fundamentalmente da disposição de muitos. Este ainda é um esforço de poucos, mas que visa a todos; é uma tentativa de manter um espaço de impressão e expressão do que somos, uma publicação periódica que faça história no CAHis.

Portanto participe, mande seus textos, desenhos, o que for, faça parte do grupo que realiza a revista, ajude e decida o que sair; não espere que as coisas aconteçam por si próprias, principalmente aquilo que é importante para si, que é a sua formação como estudante de história. Assim como o próprio Centro Acadêmico, este espaço de idéias é reflexo de nossa atuação em conjunto, é verdadeiramente uma revisão dos estudantes de história - o seu sucesso, afinal, a sua continuidade ao longo de gestões será um ótimo sinal de nossa própria formação.

Neste nº 0, com algumas contribuições reunidas ao longo de meses, conseguimos lançar a idéia da coisa. Abrimos espaço para um debate que vem se desenrolando entre grupos políticos atuantes no curso e na universidade: qual postura se deve assumir diante da UNE? - a sua legitimidade como entidade nacional oficial dos estudantes vem sendo questionada nos últimos tempos. Foram reunidas quatro opiniões distintas, críticas e defensoras da entidade. Para o próximo número, como estímulo, está proposto um outro debate, possivelmente mais visceral do que este. Pois mesmo que a UNE tenha lá a sua relevância histórica e seus muitos problemas, nada parece mais premente na vida estudantil do que o conjunto de precariedades que atacam as universidades federais, motivo de prolongadas greves de professores, funcionários e estudantes. As greves, no entanto, são por si só motivo de intensa discórdia entre partes. Já é tempo de expor as contradições em campo; se não for possível uma síntese, que as pessoas possam tomar parte da discussão, que possam saber o que se passa. Pedimos, então, contribuições de qualquer parte ou pessoa, em qualquer forma (dissertação, Poesia, desenho, qualquer forma mesmo), o debate sobre a GREVE está lançado.

jornalcahisuff@yahoo.com.br ou pasta do jornal na Xerox.

# Reinventamos a roda

E, pois, ela girou!!! A idéia se materializou, o debate conquistou um novo sustentáculo real - este papel lambido por linguagem que está a tua mão, leitor. Nosso objetivo alcançou seu objeto, seu meio de circulação corrente, e isso já é meio passo andado na direção que queremos ir. A bem da verdade, o único que podemos oferecer no momento. Mas, já é!

Não pedimos reconhecimento por este feito; afinal, como todos sabemos, a roda já foi inventada muitas vezes, e entrar numa disputa por paternidade dá muita dor de cabeça, além de gastos com educação e saúde. Mas reconhecemos que pulamos a cerca e introduzimos um espaço de debate no meio em que vivemos, rodando uma das mais velhas formas para tanto uma revista, um jornal, um periódico, este.

E talvez isso tudo se mostre obsoleto, atropelável pelas fantásticas mídias e seus magos da informação, as imagens e suas mil palavras subentendidas, ou as bandas largas, satélites e celulares difundidos. Papel? Pfff!, risos!.. Ou melhor, rs!... (pq do jeito q a coisa tá, vc vai cabá assim: bjs, bjs, by by!)

Contudo, antiquados, não dispensamos a roda, e aqui ela está. Sem meias palavras, este é um espaço de debate para circular em espaços onde o debate é pressuposto. Este é um estímulo à escrita para catalisar o que puder ser transcrito do que tanto se fala nesses pressupostos espaços. Este é um esforço para fundamentar o debate, para que ele se aprofunde, se o quiser, ou emerja, se assim preferir, mas para que não se perca tão facilmente quanto as palavras proferidas ao vento.

Ou seja, criamos um meio de expressão para inventar um debate sem qualquer tema pré-definido, pois vemos que as pessoas a nossa volta, particularmente no campus da Uff e no curso de história, têm muito o que dizer - e às vezes o dizem muito enfaticamente, diga-se de passagem - mas a sensação geral é de perda. Não há um espaço como este que se insinua, tão simples, tão genérico e usual, mas capaz de fazer a idéia ficar, de fazê-la atingir mais do que os presentes ouvintes (inclusive capaz de se tornar documento histórico relevante, sua mais pretensiosa vontade). Aquela que talvez seja uma das mais importantes funções do próprio movimento estudantil, manifestar opiniões, na nossa opinião não tem tido muito amparo por nós, estudantes, e por isso mesmo nós criamos este espaço. A sorte está lançada.

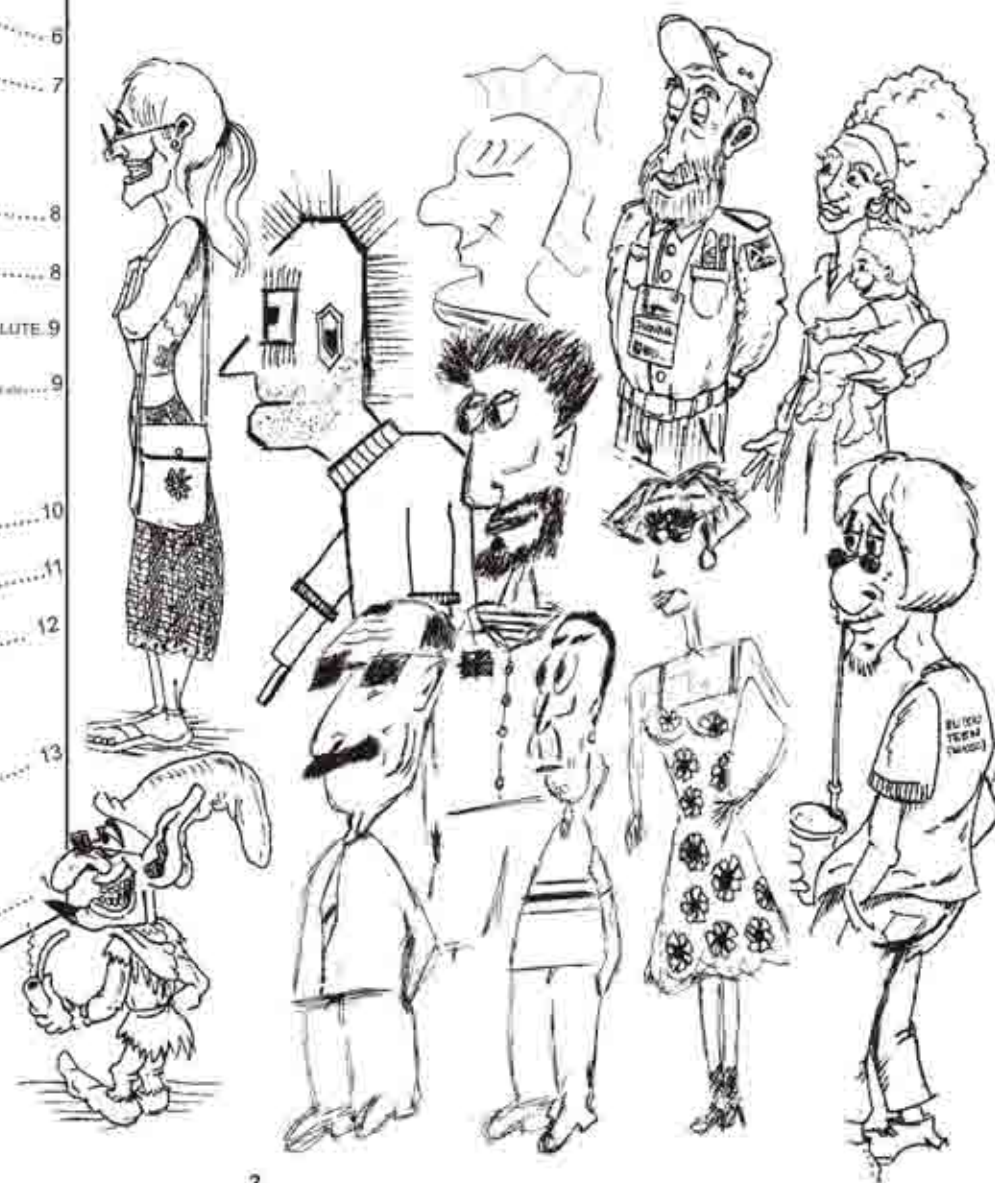
Mas há mais por trás disso tudo, leitor, podes crer. Este é um estímulo à escrita, um ponto essencial. Pois as idéias vivem em campos abstratos, mas podem ser transplantadas à realidade, a existência da humanidade é prova disso, prova do poder das idéias. Mas as idéias não chegam aos papéis se não houver esforço para tanto; e, assim, podem nunca chegar a exercer seus papéis na realidade, morrendo sem

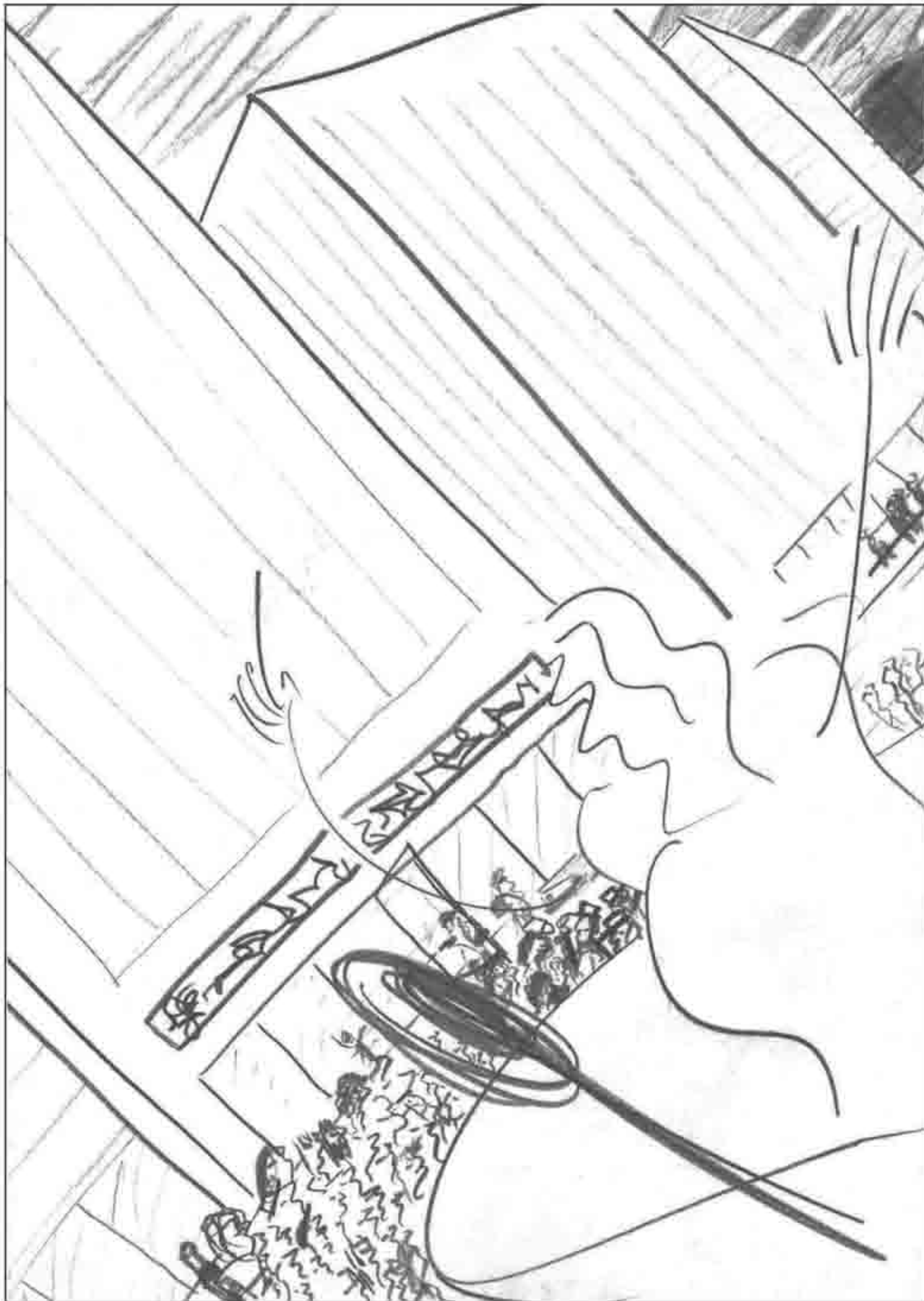
serem conhecidas, o que é quase o mesmo que não terem existido além daquele singular homem ou mulher que as tiver elaborado em si e para si. Além do mais, no esforço de transcrever em caracteres o que é tão somente abstração, ocorre um tão fantástico processo de transformação, que as idéias têm infintas oportunidades de se aperfeiçoar (se é esta a palavra mais adequada), ou de se testar, de se conhecer melhor, de se reinventar! É a imagem, afinal, que pode ser transcrita em mil formas diferentes, tal a riqueza da palavra, e pode ganhar mil vezes mil sentidos respectivos para uma única fonte. E, pois, serão sentidos transcritos em matéria os que se apresentarem, são cartas dispostas na mesa, passíveis de réplica, tréplica, repetição; provocadoras de inspiração, agressão, progressão ou transgressão. Estarão no papel para quem quiser ver, marcando o tempo e o lugar de sua fecundação, e um endereço para possível reparação, elogio ou, quem sabe?, conseqüência. Pois este é um estímulo ao desenvolvimento das idéias em conseqüências, por mais surpreendentes que possam vir a ser. É um estímulo à consciência.

E este é um movimento político? Certamente que sim. Mas não baseado numa única ideologia, como nós mesmos percebemos ao longo de sua gestação, e sim num objetivo prático comum, que é o de se estabelecer um espaço de discussão, sólido, onde não o há. Mas este espaço não tem dono, que isso fique bem claro. Pois quem o ler assim dele se apropriará, da forma que bem entender; quem quiser enviar um texto, o que é nosso maior objetivo, assim dele participará. No entanto, este espaço tem seus realizadores, ou seja, aqueles que suam a camisa para fazê-lo circular, pois os jornais não se reproduzem como os pombos, infestando as ruas das cidades, mas precisam do esforço coletivo que estamos empreendendo para tanto. Isso, naturalmente, implica um poder de decisão sobre as edições, e por maior que seja a vontade de publicar textos, não nos furtamos da possibilidade de recusar um ou outro que nos cause má impressão. Note-se que isso não significa uma recusa à contra-argumentações, pois o debate se faz a partir da controvérsia, mas não somos soberbos a ponto de afirmar um espaço totalmente sem censura, pois a responsabilidade pela publicação é nossa, dos realizadores deste espaço. Mas para não entrarmos num debate sem fim acerca de critérios, não os estabelecemos de antemão. Deixemos que as coisas aconteçam, para que o próprio debate decorrente suscite as questões, torcendo vivamente para que a recusa não se faça necessária nestes meios.

Então, que assim seja. Não deixe a roda te atropelar, faça parte do movimento da história. Venha...

Índice	
Editorial	
Reinventamos a roda	
Artigos	
Os historiadores e o tempo	3
Bozo ou Heródoto?	5
O valor da dúvida	6
Debate "Separa ou UNE?"	7
Vamos pra rua!	8
A UNE e os caminhos à frente	8
Romper com a UNE e construir a CONLUTE	9
A UNE somos nós, nossa força nosse	9
Tempo poético	
O tempo	10
Uma pequena eternidade	11
Mural	12
Coisas do curso	13
O curso das coisas	
Resenha	
As paisagens da história	





# Os historiadores e o tempo

por uma volta a Hegel

Optar pela história como escolha profissional significa, antes de mais nada, uma escolha filosófica bastante clara. Trata-se, sobretudo, de acreditar na existência de uma seqüência lógica para os acontecimentos, seja esta a lógica que for, o importante é que ela existe. Não acredito que alguém escolha ser historiador e não acredite na existência de uma lógica que perpassa os acontecimentos. Esta lógica pode ser evolutiva, linear, dialética, enfim, pode ser tudo o mais que a criatividade humana conseguir criar. Mas ela existe. Isto já coloca em xeque uma série de opções filosóficas (que são, a rigor, opções de vida) atualmente em moda nas ciências sociais e cuja mais nova faceta é o pós-modernismo. Evitemos, pois, o caminho do caos.

E o que tem isso a ver com Hegel? Afinal, não era Hegel o filósofo do saber absoluto? Não é a ele que acusam de idealismo teleológico? De glorificação do modelo político-social prussiano? Não é a ele que se referem, erroneamente, para ratificar a tese do fim da história??? Pois é, tudo isso é Hegel. E muito mais.

O que interessa aqui é que Hegel coloca a questão temporal no centro da reflexão filosófica. E com isso, inaugura uma tradição que dará especial ênfase ao aspecto da mudança na filosofia, possibilitando o surgimento da teoria social e superando, neste sentido, a tradicional metafísica da eternidade. O que emerge da filosofia hegeliana, sua grande herança para o pensamento ocidental, é uma nova concepção de homem, não mais ruim ou bom, natural ou espiritual, mas fundamentalmente histórico.

E por que isso é relevante?

Porque isso muda a forma de encarar a realidade. Para aqueles, herdeiros ou não do marxismo, preocupados com a práxis, é uma revolução mental e comportamental. É, digamos assim, uma importante variável na ruptura entre a história moderna e a contemporânea. De fato, da clássica dialética do senhor e do escravo, que tanto inspirou Marx, à polêmica afirmativa de que o "real é racional, e o racional é real", na introdução da Filosofia do Direito, o legado de Hegel é tomado como inspiração pelas mais dispares tradições político-filosóficas contemporâneas. Do autoritarismo da "razão de Estado" ao comunismo, dificilmente se encontra uma teoria política que não partilhe princípios em comum com Hegel. De Meineke e Marx até os comunitaristas do início do século XXI, passando pelo existencialismo, pela Escola de

Frankfurt, pela hermenêutica e, inclusive, por alguns setores da tradição liberal, todos em algum momento, uns mais outros menos, aproximam-se das idéias hegelianas.

Na prática política, a influência hegeliana reflete a mesma amplitude da teoria. Diferentemente da tradição filosófica precedente, Hegel exerce profunda influência na vida política dos séculos que o sucedem. Chega-se mesmo a afirmar, de forma anedótica, que a Segunda Guerra Mundial poderia ser definida como uma disputa entre hegelianos de direita e hegelianos de esquerda. Exageros à parte, esta não deixa de ser uma indicação do impacto do pensamento hegeliano na própria história.



Dos primeiros escritos do período de Jena até a publicação de "A Filosofia da História" e os "Cursos de Estética", obras póstumas, o legado hegeliano está fundamentado essencialmente na idéia de historicidade do Homem. Responsável pela existência do saber histórico como disciplina, ou melhor, forma de interpretar a realidade, Hegel é muitas vezes esquecido por seus discípulos e a reflexão temporal é tomada como dada, acritica.

E por quê?

Porque historiadores, talvez dialeticamente, raramente se preocupam com o tempo. E, no entanto este é o mote principal da disciplina, sua razão de ser. Voltar a Hegel simboliza uma espécie de auto-análise da disciplina. Uma terapia de choque!

Para aqueles que quiserem seguir os conselhos do velho mestre, a "Fenomenologia do Espírito" é obra incontornável, conforme o próprio autor afirmou no prefácio da "Filosofia do Direito". Começar por ela é essencial, inclusive porque foi escrita como um manual de filosofia passo a passo.

Para aqueles que conseguirem superar as páginas da introdução desta obra máxima, as quais requerem do leitor paciência e, acima de tudo, disposição, física e psicológica, para avaliar a própria formação do pensamento, recolocando a questão temporal no centro da reflexão, boa sorte! Um novo mundo os aguarda!

Pronto! O desafio está lançado! Voltemos ao mestre.

Carolina von der Weid

Formada em história na uff

# BOZO OU HERÓDOTO?

Uvanir Melani, 6ºp

A princípio pode não parecer tão clara ao leitor a íntima relação existente entre essas duas personagens de notória evidência e publicidade, mas a partir do desenvolvimento dos argumentos a seguir ninguém poderá negar o laço de interdependência presente nos legados dessas duas proeminentes figuras da história humana. Primeiramente ao considerar a principal ocupação reservada aos historiadores, ou melhor, o lugar reservado a estes na sociedade de acordo com os interesses da mesma, a influência da primeira personalidade mencionada no título em seu cotidiano é óbvia.

Para um historiador que pensa em se tornar professor, afinal muitos preferem tornar-se taxistas e vendedores de cachorro-quente, é bom que desde já se assuma como o profissional do entretenimento que de fato é. A sociedade, principalmente os adultos esbanjam satisfação ao ver seu filhos entregues em toda a sua potência criativa, e também destrutiva, a tão preparados terapeutas ocupacionais, que proporcionarão diversos jogos de lógica, raciocínio, memória, e projeção de realidades virtuais visando a diversão e o gozo dos jovens. O professor de história, por esse motivo e nenhum outro, é sempre o mais querido entre os estudantes, o mais engraçado, divertido, porta-voz das melhores piadas e diante deste quadro por que não assumir de vez a proximidade que há entre o historiador e o palhaço? Tentemos demonstrar, através de outros indícios, a identidade que há entre as duas profissões em questão.

Não é nenhum segredo a forte relação tradicionalmente constituída entre a história e o marxismo, assim como é conhecida a proposta de Marx de que a sociedade capitalista, em seu modo de produção, contém contradições internas que fazem com que o sistema que rege boa parte, senão

todo o mundo ocidental contemporâneo, tenda ao desequilíbrio e a auto-implosão. Apesar da profecia ainda não ter se concretizado é difícil ignorar a ampla adesão a esta referência por diversas gerações de historiadores.

Mais difícil ainda é ignorar a proximidade entre esta projeção escatológica do destino das sociedades e o famoso dito popular: "a alegria de palhaço é ver o circo pegar fogo". Será apenas coincidência ou o historiador, assim como o palhaço, aguarda esperançosamente que tudo dê errado, para aí então poder comemorar a queda?

Alguns argumentarão agora que o marxismo vem sendo duramente criticado e abandonado por uma nova tendência chamada pós-modernista ou desconstrutivista, e eu responderei que se alguém pensa que isto significa um enfraquecimento da palhaçada na história é por que obviamente não tem nenhum contato com o conteúdo, se é que ele existe, desse novo discurso. Uma palavra resume bem o teor dessa nova proposta: galhofa. Outros objetarão que o verdadeiro sentido do ditado popular acima citado é aquele que atribui à confusão, à briga e à desavença uma conotação positiva e esse é de fato o contexto em que correntemente o ditado surge, ou seja, quando um observador se satisfaz ao presenciar algum tipo de distúrbio entre duas ou mais partes e que não o afeta, é claro. Para responder a isso limito-me a uma imagem: um historiador em seu confortável gabinete teorizando prazerosamente sobre uma determinada realidade social, e repetindo a título de conclusão as palavras do honorável mestre: "portanto, a luta de classes é o motor da história". É por essas e outras que o marxismo é um palhaçada muito bem fundamentada.

Outra semelhança entre os historiadores e os palhaços é que os

mestres em história, assim como seus discípulos, cismam nos seus escritos em fazer uma espécie de malabarismo intelectual com a forma do texto, manuseando desengonçadamente estruturas frasais complexas e palavras pomposas. Assim como o palhaço deixa cair estupidamente os malabares em sua testa, os historiadores que se pretendem "homens de letras" nunca alcançam o sentido desejado no ato da escrita por não deter domínio algum sobre a língua e seus artifícios.

Esse tipo específico de palhaçada é mais bem executada pelos discípulos do que pelos mestres, como podem perceber os leitores pelo texto que tem em mãos. Se alguém estiver interessado em rir um pouco desses textos que mais parecem piadas por sua falta de coerência fique a vontade para pedir a qualquer estudante de história algum trabalho de final de curso executado por ele mesmo. É bem capaz do pobre idiota sentir-se lisonjeado por alguém querer ler a estupidez que escreveu. Lembrem-se que as piadas mais extensas e elaboradas são chamadas por aqui de teses.

Por tudo isso que foi aqui exposto nessas breves linhas, faço uma exigência com toda a razão e direito reconhecidos publicamente por todos que aceitem as circunstâncias da profissão do historiador. Exijo um teste de DNA cultural seguido de um exame genealógico para provar de uma vez por todas que Bozo, e não Heródoto, como dito até então, é o verdadeiro pai da história, e aí sim poder de peito estufado, cabeça erguida, nariz vermelho reluzindo ao sol afirmar com orgulho: sou um palhaço. Um obstáculo a esse meu desejo é o fato de os palhaços, ou os historiadores, como o leitor preferir, serem muito mal remunerados, não havendo, portanto, recursos para custear uma empresa tão dispendiosa. Talvez o Ratinho, expressando solidariedade de classe, resolva ajudar de alguma forma.

O Valor da Dúvida

Thiago Krause, 5ºp

"Duvido, logo existo; ou, o que é o mesmo, penso, logo existo". Descartes, há quase 400 anos, enunciou este pensamento fundamental, igualando o pensamento à dúvida. O que isto tem a nos ensinar, proto-historiadores, supostos intelectuais em formação? De que modo o ceticismo pode ser uma ferramenta?

Na construção do conhecimento (uma de nossas funções), a dúvida desempenha um papel essencial. Devemos duvidar do que as fontes nos dizem, questioná-las, problematizá-las, para que delas possamos extrair, a duras penas, algo de valor. Precisamos também manter esta atitude cética, principalmente, em relação às nossas leituras (in)formativas, do conhecimento já construído, para podermos perceber suas falhas e repará-las, avançando nessa estrada sem fim, e talvez até sem direção.

No ensino, essa importância se mantém; mais do que transmitir conhecimento, nossa função como educadores deve ser passar aos alunos que eles estão em perpétua transformação, e como eles podem participar desse processo. Se eles aprenderem as interpretações atuais da ciência histórica, de que isso lhes valerá, pois isto logo estará ultrapassado? Entretanto, se a eles for mostrado o valor do ceticismo, poderão construir suas próprias opiniões, conhecimentos e questionamentos, ou, talvez, transformar esses três elementos em um só, mais complexo e profundo.

Ora, estou aqui falando como se nós fôssemos já historiadores! Voltemos as luzes, então, para o assunto que nos é mais presente: o aprendizado, não dos outros, mas o nosso. Tudo que já foi dito aplica-se, e com ainda mais vigor, a este ponto; como podemos ensinar a duvidar, se nós mesmos não o fazemos? O nosso aprender não deve ser, jamais, simplesmente uma absorção de livros e aulas; precisa ser, acima de tudo, um questionamento constante.

Mas nossa vida se limita à história-disciplina? (ou ciência? Isto é tema para outro texto) Eu duvido! Então, desses outros aspectos tratarei de apenas um deles, presente de modo característico em nosso curso: a política. Nesse campo repleto de certezas opostas e paradoxais, ser cético se torna ainda mais importante, se é que isso é possível. Ainda que os militantes possam não gostar de nossas dúvidas em relação às suas propostas e idéias, isso apenas o torna mais importante. Questionando as certezas deles, podemos entender seus argumentos e, a partir daí, concordar com eles ou deles discordar, sem tomar decisões baseadas apenas na crença (elemento essencial da política).

Até agora, voltamos nossa artilharia para os outros; está na hora, agora, de chamarmos atenção para a tarefa mais difícil: duvidarmos de nós mesmos, de nossos princípios, pressupostos, crenças e preconceitos. Esta tarefa não se completa, e por isso devemos persegui-la com mais determinação. Questionemos tudo; não tenhamos certeza de nada; que esse seja nosso objetivo primeiro. Somente a partir do Eu vemos o Outro; apenas sendo céticos em relação ao primeiro, podemos sê-lo para o segundo.

Este escrito termina, assim, com uma súplica: duvidemos! A partir da dúvida surge o debate; dele, quem sabe, o progresso? Duvidemos de todas as noções expostas neste espaço (algo além, é verdade, da minha capacidade, mas que tento), mas duvidemos. E que, através desta atitude cética, possamos construir algo, ainda que sejam apenas mais dúvidas. Ou talvez eu deva dizer, para que surjam mais dúvidas?





# Separa ou UNE?

(Reconhecemos que o título acima é notoriamente parcial, ou pode ser lido desta maneira. Paciência. Como não havia outro melhor, escolhemos este mesmo. Não nos entendam mal)



## Vamos Pra Rua!!!!

A experiência da Coordenação Nacional de Lutas (CONLUTE) tem sido interessante para o Movimento Estudantil. Temos pautado o debate nacional sobre a resistência aos ataques neoliberais do governo Lula e necessária reorganização dos estudantes.

O momento é de cautela, pois com a fragmentação da esquerda, um passo em falso pode significar o distanciamento completo dos estudantes. É vital reafirmar que não podemos nos afastar dos estudantes, nem deixá-los reféns do discurso monolítico da direção governista da UNE. É necessário reafirmarmos a participação na UNE.

O congresso da UNE reúne cerca de 7 mil estudantes eleitos pela base com quorum de 30% e mais de 3 mil participantes entre apoios e estudantes que, mesmo sem serem delegados, participam politicamente. A UNE é reconhecida em qualquer lugar do país como a organização dos estudantes. A UNE existe como entidade única de representação dos estudantes desde sua fundação há mais de 60 anos. A UNE já foi dirigida por diversos setores, tanto da esquerda, quanto da direita. A UNE não se organiza como um partido. Não se exige centralismo. Enfim, a UNE é uma entidade de massa com todas as características de uma e, por isso, devemos disputá-la e é por isso que estamos na UNE. A política justa é afirmar a CONLUTE como uma coordenação de lutas aberta a todos e a todas que queiram lutar, disciplinada pelo critério da participação. A CONLUTE deve organizar a luta e, com isso, pressionar a direção governista da UNE. É importante que saibam que não temos compromisso com seus descaminhos.

A outra inicializa é a necessidade de fazermos que a CONLUTE redefina sua organização e sua democracia interna, de forma a podermos organizar os estudantes para luta política em um patamar superior de organização. A CONLUTE precisa reafirmar a defesa do ensino público e gratuito para toda a população, isto é, a defesa de um ensino livre das imposições do mercado. Este a direção majoritária da UNE não pode mais defender, pois ela defende um ensino misto entre capital público e privado incapaz de conquistar a universalização do acesso à universidade.

O congresso da UNE de 2003 marcou a vitória do campo governista na UNE. Diversos setores (AE, DS, Força e setores regionais) que antes combatiam a política neoliberal do governo FHC descambaram para a defesa das mesmas políticas, só que, agora, com a roupagem petista. A chapa "Somos Todos Radicais" (PSTU, MES, CST, Reage-PT e outros setores regionais) nasceu de um chamado a toda esquerda do movimento. Portanto, esses são os setores da esquerda da UNE.

Em maio de 2004 foi realizado o

Encontro Nacional Contra a Reforma Universitária do governo Lula&FMI. O encontro reuniu cerca de 1500 estudantes e fundou a CONLUTE. Foi o maior encontro que se tem notícia sem apoio da UNE. Aprovou um calendário de luta que foi rigorosamente cumprido. Impulsionando o ME na luta contra a reforma universitária. O Plebiscito contra a reforma alcançou mais de 50 mil votos. A CONLUTE se firmou como o principal pólo de aglutinação dos lutadores e vem cumprindo a sua tarefa.

A UNE é uma entidade de massa com todas as características de uma e, por isso, devemos disputá-la e é por isso que estamos na UNE. Para sairmos da UNE temos que explicar o que mudou. E o que mudou? O que mudou não foi a UNE, mas as teses que se disputam. Então... é possível organizar a luta estando na UNE? A resposta é sim. Responder "não" a essa pergunta seria dizer que estávamos capitulando há pelo menos duas décadas à direção traiidora do PCdoB.

Logo, avançaremos para a segunda equação desse sistema. É possível lutar enquanto enfrentamos a direção majoritária da UNE? É o que fazemos há pelo menos uma década! A luta se enfrenta com a direção majoritária da UNE, inevitavelmente, por conta de sua burocratização e seu imobilismo e nossas posições se fortalecem na luta. Distanciar-se dessa disputa é abrir mão de disputar os estudantes, de atraí-los para nossa política e, pior, deixá-los reféns de todo tipo de oportunista. Podemos estar galvanizando um espaço político que será aproveitado por outros setores. Em outras palavras, ficaremos só com o ônus de sermos os setários, enquanto os oportunistas ficarão com o bônus: a referência de serem os setores conseqüentes do movimento.

A terceira incógnita a ser resolvida é a seguinte e, provavelmente, a mais importante. Como organizar os setores que estão lutando fora da UNE? A equação se equilibra da seguinte maneira: atuando dentro e fora da UNE, como sempre fizemos! É preciso convencer os setores mais avançados do movimento. Precisamos avançar na organização da CONLUTE. A CONLUTE deve ser construída na base da UNE. Impondo a contradição para todos os seus setores.

Não estaremos em contradição, estaremos defendendo a UNE na construção da luta. Se a UNE não fizer a luta, e provavelmente não fará, a CONLUTE fará, como já está fazendo. Da mesma maneira que fizemos o Plebiscito contra a Reforma Universitária. Não podemos entregar o legado de luta da UNE para a direita. É o que esperamos que façamos! Não devemos abandonar nossas posições. O inimigo é mais forte e está em todos os lugares.

## A UNE e os caminhos a nossa frente

Diante do estado caótico em que vive a Universidade, a Educação no geral e o país, é muito importante que o movimento estudantil se coloque enquanto um movimento organizado e combativo para superarmos tal quadro. Mas isso não surge do nada e nem com uma palavra de ordem do tipo: "Romper com UNE pelega, governista e inimiga do estudante!" É a apatia e inércia que impera hoje entre os estudantes o nosso grande problema. Nosso desafio tem que ser a construção da participação das pessoas no processo político e nas mobilizações.

A UNE foi no passado uma entidade importante que travou lutas fundamentais de transformação e resistência, porém hoje tem passado longe de ser essa entidade estudantil. A UNE já há vários anos vem sendo usada pela sua direção majoritária (UJS) para fins particulares, partidários e até mesmo financeiros. Neste processo, a mobilização estudantil, os espaços de democracia da entidade e até mesmo bandeiras históricas de defesa da educação pública são deixadas em segundo, terceiro e último plano. A UNE tem refletido a despolitização excessiva que é corrente entre os estudantes; ela é apenas a ponta do iceberg.

Nessa situação de tamanhos problemas na UNE, o debate mais fácil é a do rompimento com a entidade. O "começar de novo" pode até seduzir, mas é uma falsa sensação, porque não encara o problema real. Continua trabalhando na lógica do aparelho e não na de movimento. Vivemos um momento de grandes dificuldades e uma política de fracasso que, ainda por cima, proporciona a proliferação de entidades, desconstruindo completamente qual deve ser o real papel de uma entidade: organizar o movimento estudantil para a luta, abarcando todo ele, sustentada pelo direito de cada um

poder defender suas propostas de forma equânime. A divisão, pelo contrário, é maléfica para os estudantes e não tem se mostrado capaz de combater o problema de fundo, que é de prática política. Não avançaremos um passo sequer se apenas mudarmos o aparato e os erros continuarem.

O importante mesmo nesse momento é reavivar o movimento estudantil. Fazer com que os estudantes brasileiros se vejam enquanto sujeitos históricos, agentes capazes de transformar a realidade e não espectadores. O movimento necessário para hoje não será o de 40 ou 60 anos atrás. Será o do século XXI, construído em nosso dia-a-dia nas universidades com os estudantes lutando pelas demandas atuais, e a principal delas é libertar o país da ditadura do dinheiro, do individualismo e do descrédito da coletividade.

O fortalecimento da unidade com os setores combativos, focada na construção de uma concepção diferente de entidade, que fuja do atrelamento ao governo Lula ou a qualquer outro, ao PCdoB e a qualquer outro partido, buscando ampliar a participação das pessoas sem restrições, é o que trará de volta aos estudantes brasileiros força e uma ferramenta de luta. Será se eximindo de participar dos espaços da UNE, como o CONEB, que reúne milhares de Centros Acadêmicos, que resolveremos a situação do movimento? Claro que não. Temos é que estar em todos os espaços, dentro e fora da UNE, colocar nossas bandeiras de defesa da igualdade entre as pessoas, da educação pública, contra mercantilização e alienação de tudo e construir uma lógica participativa entre os estudantes. A começar pelo nosso CA e nosso DCE.

Daniel Nunes, 5ºp  
Frente de Oposição de Esquerda da UNE

## Romper com a UNE e Construir a CONLUTE

A UNE morreu para a luta dos estudantes. A entidade que outrora lutou pela redemocratização do país contra a ditadura militar e que encabeçou o Fora Collor não existe mais. Agora tudo o que existe é o aparato e nada mais. Desde a eleição de Lula que a UNE tem cumprido um papel totalmente regressivo. Aquela entidade que lutou contra a corrupção de Collor, foi pra rua e defendeu sem qualquer pudor o governo corrupto de Lula. A entidade que lutou contra o neoliberalismo de FHC, hoje apóia as reformas neoliberais do governo atual, sendo, inclusive, co-autora do atual projeto de Reforma Universitária, que enriquece os lubrificantes do ensino privado, com o desvio de verba pública direto para seus bolsos, através do ProUni e defende o ENADE, avaliação tão voltada para o mercado e tão autoritária quanto o antigo Provaó.

Existem setores da esquerda combativa, como o PSOL, que sustentam que a UNE ainda é disputável, que ela sempre foi burocratizada e que sempre estivemos nela mesmo assim, que ela é de massas e que, portanto, devemos ficar e lutar no seu interior. Bom, quanto ao fato da esquerda ter lutado no seu interior mesmo quando ela já estava totalmente burocratizada, é verdade, estávamos. O problema é que houve uma mudança de qualidade de lá pra cá. A absorção e a cooptação de um setor amplo das entidades, movimentos e correntes de esquerda não só pelo governo, mas também pelo Estado, impossibilita criarmos um movimento como o que foi o Rompendo Amarras, onde nós, do PSTU, e toda a Esquerda Petista tocávamos a luta à revelia da maioria da Direção (o PCdoB) e construímos, mesmo estando dentro da entidade, uma greve nacional em 1998. Isso se deve ao fato de que apenas uma parte da antiga esquerda petista segue na luta (os setores que hoje compõem o PSOL), mas um setor bastante amplo composto pela DS e pela AE, principalmente, está contra todas as lutas que se enfrentam diretamente contra o governo, como foram contrários à última greve da educação federal. Também é um total devaneio e uma utopia ganhar um CONEB, como aconteceu no de Viçosa, pelo mesmo motivo. Propor disputar o CONEB da UNE hoje é propor que a esquerda vá para legitimar o espaço e ser massacrada. O outro argumento, o de ser de massas, é carregado de um oportunismo completo. Porque se fomos conseqüentes e levamos até o fim este raciocínio, devemos todos voltar para o PT, pois nem PSOL, nem PSTU, nem nenhum setor da esquerda combativa hoje é de massas nem é o que está colocado para o

futuro próximo. O critério que deve nos guiar é o da independência política frente ao Estado burguês e aos governos deste regime democrático-liberal.

Nesse sentido, a CONLUTE vem resgatar não só a combatividade do movimento estudantil, estando à frente da luta contra a Reforma Universitária, do boicote ao ENADE, contra a corrupção do governo e do Congresso e da última greve da educação federal, como também sua total autonomia, propondo a sua auto-sustentação financeira, por meio das contribuições das entidades participantes da Coordenação e dos próprios estudantes. Resgata também o movimento estudantil com corte classista, propondo a aliança operário-estudantil, através da sua participação nos fóruns da CONLUTAS, como o CONAT, e do apoio a todas as lutas e greves dos trabalhadores. Resgata o internacionalismo, apoiando a luta dos estudantes e trabalhadores franceses contra a precarização das relações trabalhistas daquele país; a luta dos trabalhadores na Bolívia pela sua soberania, o seu direito de dispor dos recursos naturais do seu próprio país; a luta contra a ocupação do Iraque pelo governo Bush e da ocupação do Haiti pelo governo Lula, contra as invasões das tropas estadunidenses e brasileira nos respectivos países. Resgata a luta contra o imperialismo, vinculando a luta contra o corte de verbas das universidades, como é o caso das federais, tendo sido o motor principal da última greve, com o pagamento da dívida, tendo Lula adiantado o pagamento ao FMI e segue pagando as dívidas externa e interna aos banqueiros, deixando a educação à míngua. E, por fim, resgata a democracia para o movimento, propondo um Encontro Nacional dos Estudantes, aberto a todos os setores do movimento estudantil combativo, mesmo de fora da CONLUTE, sejam estudantes e entidades independentes, sejam os companheiros do PSOL, para nos armarmos na luta contra esse governo e o imperialismo e por nossas demandas específicas, como bandeirão, aumento do valor e número de bolsas, contratação de mais professores e funcionários concursados etc. Além disso, propomos um funcionamento por meio de uma Secretaria Nacional e Secretarias Regionais compostas por entidades para que a base esteja de fato representada na direção da Coordenação.

Romper com a UNE hoje e construir uma alternativa de luta verdadeiramente democrática é mais que uma vontade, é uma necessidade do movimento e de todos os estudantes.

Rafael Rossi, 6ºp  
Juventude do PSTU

## A UNE SOMOS NÓS NOSSA FORÇA E NOSSA VOZ

O Movimento Estudantil brasileiro tem uma longa história de lutas que passa pelo movimento abolicionista e pela própria construção do Estado Brasileiro. Foi a partir da criação da União Nacional dos Estudantes (UNE) que estes conseguiram se organizar em busca de democracia e justiça social. A UNE que em 2007 completa 70 anos foi, desde sua criação, protagonista da história do país. Foi às ruas contra o regime nazi-fascista e desde 1947, quando mobilizou os estudantes em torno da campanha "O Petróleo é Nosso", já lutava por garantir as riquezas nacionais. Acompanhando os processos de transformações sociais, a UNE intensificou, na década de 60, a luta por reformas educacionais reivindicando a ampliação do ensino gratuito e a democratização da estrutura universitária. Sintonizada com as idéias de mudança, a UNE criou os Centros Populares de Cultura (CPC) e levou para pontos distantes do país as discussões sobre os problemas sociais brasileiros, por meio de cinema, música e teatro, através da Caravana da UNE.

Quando a Ditadura Militar se instalou no país, uma de suas primeiras medidas, ainda no dia 1º de abril, foi incendiar a sede da entidade, no Rio de Janeiro. E mesmo na clandestinidade a UNE continuou ativa, resistindo ao Regime Militar e criticando a intervenção norte-americana na educação brasileira. Esteve ainda à frente da luta pela anistia e pela volta ao regime democrático. Na década de 90, a UNE com a cara pintada foi responsável pelo impeachment do Collor e levou milhares de estudantes às ruas na luta contra as privatizações e contra a política neoliberal de FHC e sua turma.

Isso tudo não reflete apenas o passado. A UNE continua sintonizada com as transformações sociais e com a luta do povo brasileiro. É por isso que é hoje uma das principais entidades que encampam a luta contra a corrupção, por mudanças profundas na política macroeconômica, pelo fortalecimento da universidade pública e pela regulamentação do ensino privado. Ao invés das críticas simplistas, a entidade segue o caminho da construção, formulando

e propondo soluções e alternativas para garantir um Projeto de Desenvolvimento Nacional soberano e democrático. Após intenso debate nas universidades, a UNE conseguiu sistematizar seu próprio projeto de Reforma Universitária que pautasse a questão da Assistência Estudantil como uma política obrigatória, a questão da regulamentação do ensino privado e outras bandeiras históricas do M.E.

Entendendo o Movimento Estudantil como um espaço amplo, plural e democrático, a UNE garante a qualquer estudante, independente de sua ideologia, a oportunidade de colocar sua opinião e dar sua contribuição para garantir o fortalecimento da entidade. Movimento estudantil é estudante em movimento. E para fortalecer essa rede a UNE vem qualificando os fóruns de debate e discussão. Depois de realizar no ano passado um Congresso com a presença de mais de 18 mil estudantes, a UNE contou com a participação recorde de representantes de entidades de base, no XI CONEB, que aconteceu dos dias 13 a 16 de abril. Foram mais de 4.500 participantes e mais de 1.800 Centros Acadêmicos credenciados. No CONEB os estudantes debateram e deliberaram sobre os mais diversos temas como a integração latino-americana, o combate à discriminação racial, de gênero e aos homossexuais, a luta em defesa da universidade pública e gratuita, contra a entrada do capital estrangeiro na educação, e todos tiveram espaço para colocar suas opiniões e propostas.

É assim que a União Nacional dos Estudantes vem construindo a história do país, com unidade, amplitude e combatividade. A UNE deve refletir a diversidade do povo brasileiro, estando aberta para as mais variadas e mesmo conflitantes opiniões, mantendo sua autonomia diante de qualquer governo ou partido. Os estudantes de todo o país tem um legado, o movimento unido tem mais força para lutar, a divisão dos estudantes só interessa às elites que querem manter seu status quo. Você também é parte da UNE. Venha contribuir com seu fortalecimento. Participe!

Monique Lemos, 5ºp  
Movimento na Pressão pelas Mudanças

**Agora, duas páginas reservadas para textos inéditos de ficção.**  
O historiador não escreve apenas conceito, mas também cria imagens, como o poeta. E para facilitarmos a escolha dos textos enviados, propomos temas, imagens a serem desenvolvidas.

E, como pode parecer óbvio, neste primeiro número, optamos pelo Tempo.  
É um bom tema. Acreditem.

## O TEMPO

"O Tempo não suporta ser marcado

Questão das mais importantes dentro da pesquisa em filosofia e em história é assunto para livros e não para pequenas introduções como esta, de forma que generalizações não apenas serão encontradas, como serão necessárias num espaço tão curto.

A idéia de tempo sempre se correlacionou e se transformou junto a outras categorias básicas criadas pelo homem, tais como: história, movimento, narrativa e espaço. Para o estruturalismo binário, o mundo antigo e o oriental têm uma imagem cíclica do tempo. O movimento tendo sido compreendido pelos primeiros racionalistas gregos como uma imagem, uma ilusão que provém do eterno (Platão). Passado presente e futuro seriam, assim, os mesmos. E as festas anuais, da colheita e do ano novo, continham uma idéia de recriação do mundo, para que tudo fosse o mesmo.

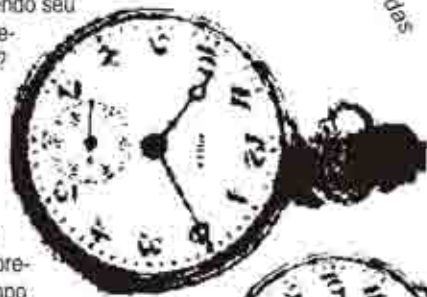
Através do cristianismo, domina o mundo ocidental a visão judaica do tempo. Nela não há um ciclo, mas sim uma finalidade, o Juízo Final. O tempo passa a ser linear e psicológico, no entanto não perdendo seu caráter enigmático e ilusório, como vemos nessa especulação de Santo Agostinho: "O que é então o tempo? Se ninguém me pergunta, eu sei. Se me perguntam querendo que eu explique, não sei. Sabe-se no entanto que, se nada passasse, não haveria passado; se nada adviesse, não haveria futuro; e se nada fosse, não haveria presente. Mas o passado e o futuro, como podem ser, se o passado não é mais e o futuro ainda não é? O próprio presente, se fosse sempre o presente, sem perder-se no passado, não seria mais tempo seria eternidade".

Percebe-se assim que o tempo muda de acordo com o homem. Maquiavel, por exemplo, tinha uma visão que misturava o cíclico e o linear, havendo uma certa repetição natural em cadeias de ação e reação. Nietzsche de certa forma retoma tal idéia quando afirma que sendo a energia uma constante, o mundo possui uma quantidade limitada de possibilidades de acontecimento. E esgotando sempre suas possibilidades se repetiria, o que não quer dizer que seja o mesmo. Mas que possui a mesma energia. Essa é a idéia atualmente bastante desenvolvida por filósofos franceses como Baudrillard e Foucault, de repetição na diferença.

Os valores humanos também variam de acordo com as diferentes percepções que podemos ter do tempo, através do tempo. Antes os homens considerados de valor eram os que pertenciam a certas castas determinadas. E estas eram reconhecidas devido a seus passados. Então o homem era o seu passado, fosse servo, fosse cavalheiro. No mundo moderno se processou uma mudança que chegou ao seu auge com a revolução francesa. O homem não era mais o seu passado, pois agora poderia se provar através do presente, como Napoleão o fez. E a partir daí apareceram aqueles que projetavam o futuro. Progressistas, socialistas, positivistas, e outros mais que se determinavam a partir do que pensavam ser melhor para o futuro. E isto durou até que o "ser moderno" terminasse de se alastrar pelo mundo junto à sua estética futurista. E isso foi até o último ressurgimento dos idealismos esperanças nos anos 60. Após maio de 68, a juventude passaria a ter uma visão crítica ao marxismo e a esquerda começaria a perder espaço na Europa. Até que os anos 80 vieram com uma nova visão de mundo que dizia: "Mas pra que acreditar num futuro melhor se nós podemos vivê-lo agora, na discoteca?". Pois realmente, nos anos 80 o homem acreditou ter chegado no futuro. A era da robótica, da computação, da música eletrônica e de uma transformação política como a queda do muro de Berlim. O tempo passou a ser encarado como um presente vertiginoso, do sempre aqui e agora. Não mais a tradição, não mais a esperança em busca de um outro, mas ser outro e a cada momento. Não o linear, não o cíclico, mas o fragmentário. O mundo pós-moderno veio com o consumo do efêmero.

como se fosse gado."

Lewis Carroll,  
Alice no país das  
maravilhas



### AQUELE AGORA

O agora,  
Fração de segundo  
Que finge a demora:  
Arde intenso  
E vai-se embora  
Pra outro agora  
Tomar seu lugar.

Inutilmente  
Tentei voltar  
Pr' aquele agora em que fui feliz,  
E então  
Por um triz  
Não cai no pesar.

Mas, como consolo,  
Aquele agora  
Ficou pintado  
- como um quadro -  
Aqui dentro, pendurado  
Nas paredes da memória.

João Pedro Fagerlande

"O tempo é a substância de que sou feito.  
O tempo é um rio que me arrebatou, mas eu sou o rio;  
é um tigre que me despedaça, mas eu sou o tigre;  
é um fogo que me consome, mas eu sou o fogo".

J. L. Borges, *A nova refutação do tempo*

"O tempo é a vida da morte:  
imperfeição"  
"Cada um tem a sua hora e a sua vez"

João Guimarães Rosa



### AMPULHETA DIÁRIA

Quando eu olhar a água a cair  
e não mais sorrir  
mundo estará perdido pra mim,  
pois nada é mais belo que seu movimento.  
A dança do tempo que a todo o momento  
despenca perante olhos e ouvidos.  
Como uma gota após outra e mais outra,  
sendo pouca, a areia (que se perde para o mar)  
é sempre moça.

Pois ali, o tempo não chega,  
ele só aparece pra quem tem boca pra falar,  
pele pra sentir e saber (saborear),  
que o gosto do tempo é o mais amargo que há.

Pedro Junqueira

### RIO TREM

Transcorro como um rio,  
Enquanto me querem trem.

A ordem vigente  
Pretende um fim claro, definido,  
Mas sou rio, estou vivo,  
Então vivo, transcorro.

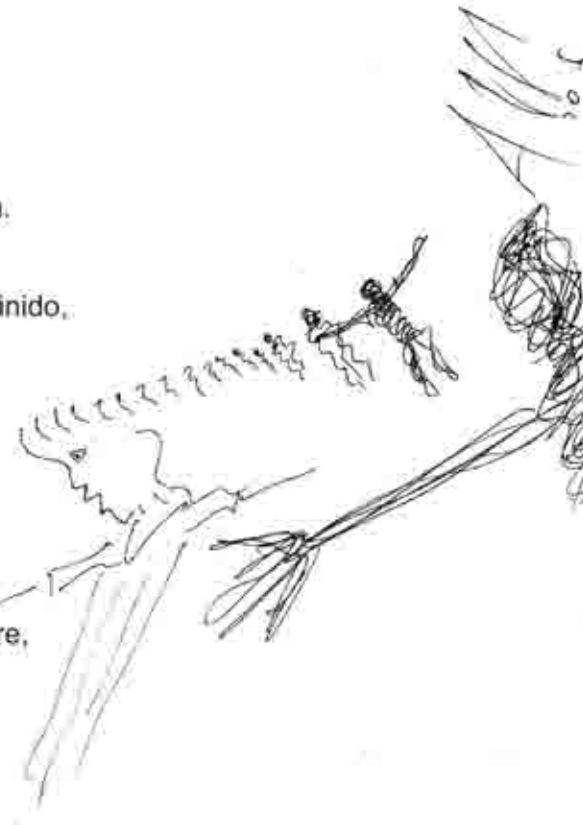
Me recuso a ser trem,  
Com hora e itinerário.

Não sei pra onde vou,  
Não posso saber.

O rio não sabe porque corre,  
Não sabe pra onde corre,  
Nem sabe o que é saber.

Eu sei,  
Sei o sabor de não ter fim,  
É acrí-doce.

Fernando Mendes Rodrigues



### #73 Meu amigo tempo ou Geohistória

Cadê meu Tempo?  
Esse lugar entre um momento e outro,  
Onde está?  
Tens o mapa?  
Conheces sua topografia?  
Ele corre e arrasta  
tudo o que há,  
Trazendo, logo em seguida,  
Todo o novo presente.  
Cadê meu Tempo?  
Chama ele pra mim,  
Quero ir lá, descansar  
e ver o tempo passar!

Daniel Tomazine Teixeira



o menino não tinha tempo para olhar o espelho;

confundia-se com o barro que espalhava pelo corpinho miúdo,  
com a flor que assoprava bem forte,  
com dados sem número que jogava do alto de um caixote de peras,  
com as botinas de seu avô que suprimiam suas pernas,  
com o sol que queimava e ardia a pele,  
com o vento que refrescava o seu rosto feito bala de hortelã,  
com o soluço aproveitando o indio pomposo que se transformara,  
com a violência dos sentidos que rasga céus e espreme rios

um dia sentiu tempo e olhou pro espelho;  
Perdeu seu reinado e decidiu ser um.

Luiz Antônio, 6ºp

### UMA PEQUENA ETERNIDADE

Esperando no ponto de ônibus se afundava na memória. William estava preocupado, pois lembrara que, no sonho de Alice, foi por matar o tempo que o chapeleiro quase perdeu a cabeça. Sem perdô-lo, o Tempo manteve o ponteiro constantemente na hora do chá, o chá das cinco. Mas toda esta realidade estava muito distante da espera de William, que sem perceber caminhava em sonhos por cima do defunto, sem piedade, quebrando a coluna do Tempo. Estava como que em um diálogo com outro, este outro não era nada mais que suas lembranças, rotineiras, sempre interessou-se pelo cotidiano, dizia que "o hábito faz parte do desfecho da festa".

Saira da casa do Júnior que lhe mostrou diversas cartas de Magic estimulando uma nostalgia irresistível. Lembrando, percebia o quanto não era o mesmo encarando a realidade, "você é mais constante e parecido consigo mesmo aos olhares dos outros do que a seus próprios olhares". Impressionante, sentiu-se na beira da moeda, entre os dois lados, confuso. "Mas, eu sou eu!! E quem mais seria?" Não sabe... não se lembra. Aquelas cartas disseram mais do que queria ouvir, pronunciaram um passado a retornar, um passado de outro, pois ele não esteve lá, não sentiu-se nem confortável com a idéia de ser aquele apaixonado por meras aventuras de cartas.

Era domingo, será que aquele velho rapaz que mora em sua rua não estaria tocando sua velha sanfona como sempre, pra matar o tempo? Passara pela frente de sua casa já que um de seus porteiros, Fernando, avisara que ele está lá todos os domingos, jorrando sentimentos na cara de pau, pra toda a rua, e seus vazamentos constantes de água mais pura do que qualquer alma carnal, sentir um forró. Estava lá reproduzindo Dominguinhas, ou seria "A rã" de João Donato? Sabe-se lá, sentiu um arrepio e quando abriu os olhos estava de volta ao ponto...mas como? Após o susto ter passado ficou feliz pela leve alucinação, há muito não via-se dentro de um livro ou simples conto.

As sensações o dominaram provocando um imenso barulho, embriagou-se demais em sua vida, se vivesse mais morreria de Overdose. Seus amigos tomam-se estranhos a cada dia que passa, mas ele, constituindo a mudança maior em sua vida de merda, acompanhava o ritmo rasteiro obrigando-se a adaptar-se. Normalmente as pessoas costumam construir algo para depois sentirem-se assustadas pelo barulho interminável que ameaça sua obra. Mas com Guilherme era um caso a parte, o barulho vinha antes de tudo obrigando-o a abandonar desde o início sua obra, seu ideal. Não era mais uma pessoa, mas sim um fragmento de várias, sendo jogado como bola de papel em sala de aula. Prometera a si mesmo abandonar esta e mudar-se para outra vida. Mas eram desabafos inconscientes e inconseqüentes, levando seu mundo inteiro ao vazio.

O ponto de ônibus não era o mesmo. O que esperava? Ia pra onde? Provavelmente pra casa de um amigo, buscar diversão, enrolar-se no destino. Que pena, chegou seu ônibus, pelo menos espero que realmente seja seu ônibus, pois acaba de entrar num 463.

Lucas Gadelha Parente, 5ºp



### ORDEM E PROGRESSO?



*“Moradora do morro da Providência comemora a saída dos soldados, que chegaram a trocar tiros com traficantes por quatro dias seguidos”.*

Fonte: O Globo, 13/3/2006  
Foto: Domingos Peixoto

#### O grito dos “excluídos”\*

\* Excluídos? Ou “incluídos-forçados”? Ou essas pessoas não sofrem as conseqüências da devoção capitalista ao “deus-mercado”? Por viver num país desigual e injusto?

Fonte: Alternativa.

#### A NOSSA MORAL:

O pior cego é o avestruz: prefere enterrar a cabeça pra não ver. Espantam-se com a constatação de que moradores de favelas demonstram menos medo do tráfico do que do exército.

Para os cegos que não querem ver, qualquer pessoa de bom senso e “bem intencionada” deveria preferir as chamadas “medidas de segurança”:

#### Ação militar nas favelas!

##### “Pacote completo”, inclui:

- 1) Visitas de soldados armados à sua residência sem mandado e com bastante truculência.
- 2) Tiros a esmo e ameaças de toda sorte que avisam: “Vimos roubar sua alma!”
- 3) “Inspeções de rotina” ...

JB 12/03/2006

MARIANA FILGUEIRAS

Ainda com o uniforme laranja da escola pública e a lancheira e a mochila penduradas ao corpo, na quinta-feira, W, 8 anos, obedeceu às ordens do militar de fuzil empunhado no principal acesso ao Morro da Providência: levantou a saia para mostrar que não escondia nenhuma arma. Em seguida, abriu a mochila, onde só havia caderno, agenda e estojo de lápis. O soldado liberou a menina, que seguiu para casa correndo. Os parentes reagiram com fúria:

— O que você acha que tinha embaixo da saia dela? Você fari...



#### A MORAL DELES:

• É de lascar ver uma senhora levantando os braços para comemorar a saída do Exército do Morro da Providência, como se fosse uma vitória dos moradores voltar à rotina do tráfico. A foto publicada na primeira página do GLOBO é emblemática do atual estado de coisas aqui no Rio, com o *modus vivendi* da favela — o crime — se impondo por toda a cidade através de ações de barbárie e terrorismo. O resultado do Exército — a se confirmar a retirada dos morros cariocas — foi pífio. Por que não se aproveitou a oportunidade para desbaratar quadrilhas e eliminar malfetores?

#### Vestibular 2006

Na situação descrita acima, você acha que uma pessoa que mora numa favela do Rio de Janeiro deve preferir:

- a) o inferno do tráfico.
- b) o inferno das “batidas” do Bope e do seu “Caveirão”.
- c) o inferno da “ação militar” do Exército.
- d) todas as alternativas acima.

Fizeram este Moral: *Silvia Oliveira* (5º período) e *Vitor Fraga* (ex-aluno - 92/94). Inspirados em *Moral e Revolução*, L. Trotsky; e *De pernas para o ar - a escola do mundo ao avesso*, E. Galeano.

MÁRIO VERDI  
(foto: O Globo Online, 13/3, Rio)

Nosso curso vem apresentando uma série de dificuldades para nós, estudantes de história da UFF. Somos hoje cerca de mil, distribuídos em dois turnos, manhã e noite. É comum achar que só a noite que ficam os que trabalham e de manhã aqueles com melhores condições econômicas. Mentira. O turno matutino tem sim estudantes trabalhadores! Em menor quantidade, como todo o turno da manhã, assim, a questão é de conjunto. Mas não podemos avançar mais nisso por que falta uma análise séria do perfil dos estudantes de história da UFF. Estaremos (nós do CAHIS), a partir da segunda semana de aula, providenciando uma pesquisa que esclareça melhor esta situação, estejam preparados!

#### OFERTAS DE DICIPLINAS

Do advento da pré-inscrição de disciplinas online surgiu uma nova modalidade de frustração: a esperança de podermos planejar nossa agenda e formação, seguida do corte sumário (na maioria das vezes acompanhado de uma sigla chamada CRA). É sempre aquele dilema: “não tem nada ou quase nada do meu eixo e quando tem, batem os horários!” E olha que esta inscrição ainda teve mais oferta que a passada...

É uma necessidade urgente, já passando do ponto, de nos mexermos para acabar com esta discrepância (só para manter o “decoro” que já me foi cobrado em reunião de departamento). No segundo período de 2006 haverá novo seminário de currículo e precisamos ter um bom trabalho feito se quisermos ganhar - a exemplo do passado, onde lotamos o auditório e impedimos que o ruim ficasse ainda pior!

Vocês sabiam que hoje, 1/2006, houve dezessete dispensas de disciplinas por orientação? Aquele professor que tiver seis ou mais orientandos pode não dar uma disciplina por ano (são obrigados a lecionar quatro por ano, uma vez que a LDB diz ser o mínimo de oito horas

semanais em sala de aula). Com esse número daria até pra termos lattus sensu gratuito na história! É preciso que estudemos os formulários preenchidos pelos professores, assim saberemos bem qual seria o impacto de acabarmos com essa dispensa, ou então de limitarmos a cinco o número de orientandos por professor (se não me engano, estes orientando só são os do mestrado e doutorado).

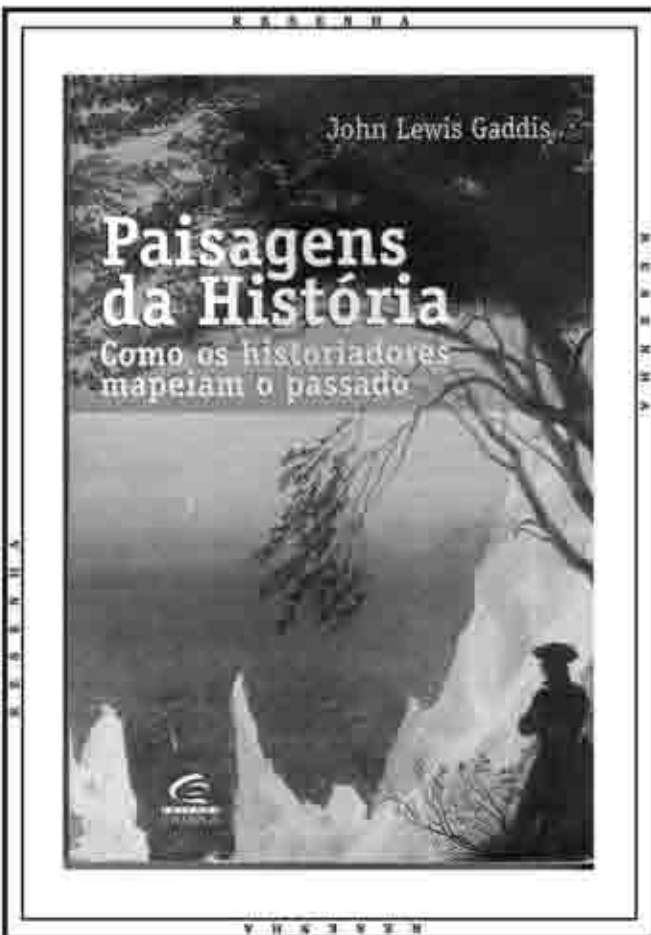
Outra coisa, sabiam que aqueles estudantes que trabalham tem o direito de se inscrever na disciplina que desejar fora do seu turno de origem? Aliás, quem aí sabe quais são os critérios de corte? Eu vos digo, segundo o regulamento, aprovado no CEP (Conselho de Ensino e Pesquisa), são 1º: Provável formando ou vestibulando (estes só para as matérias do primeiro período); 2º: ser do turno em que a disciplina será ministrada; 3º: por ordem decrescente de CRA; 4º: por ordem decrescente de créditos acumulados. Nas matérias de educação, as que nos são obrigatórias, o 3º e 4º critérios foram invertidos.

#### MONITORIA

Nosso currículo é dividido em duas partes: básico e profissional. O básico é composto por dezessete disciplinas (14 do departamento de história), ofertadas todos os semestres nos dois turnos, todo professor se insere em pelo menos duas dessas no ano e são obrigatórias e com ementas fixas! Por isso é que o bom senso aponta para termos monitorias nestas disciplinas. Um monitor por matéria do básico, nos dois turnos, é igual a vinte e oito monitores ligados ao departamento de história. Porém, teremos concurso somente para oito! E pasmem, a razão para este pífio número é do curso de história: a reitoria nos ofereceu dez vagas, mas somente oito professores requisitaram vagas. Isto tudo é um acúmulo de absurdos! Em primeiro lugar, a reitoria cortou o número de bolsas nossas porque os monitores eram usados para tudo, menos para monitorarem os estudantes daquela disciplina! Em segundo

lugar, o fato de o departamento ter jogado no lixo duas monitorias se dá ao fato de boa parte dos professores estar pouco se lixando para nossas necessidades e por outra parte ter se afastado do departamento devido a algumas “políticas” adotadas há alguns anos para cá. Não é birra da militância, queremos mais bolsas de monitoria, é uma necessidade material! Basta vermos quantos são os estudantes que vão procurar bolsa na educação, na sociologia e na antropologia! A maioria dos monitores é de história! Será que é uma simples coincidência? Achamos que não. E tem mais! É senso comum entre muitos discentes o não cumprimento das ementas do básico. Quantos de nós não tivemos aulas onde nada foi visto de econômico-social? Ou então quantas não foram aquelas em que as aulas se encerraram alguns séculos ou décadas atrás do que deveria? Um monitor nessas ocasiões seria de suma importância, não acham?

Pois bem amigos, isso tudo é bem trágico às vezes. Mas as soluções não cairão do céu. Tão pouco será uma meia dúzia de três ou quatro estudantes militantes que irão adivinhar e resolver todos os problemas! Só a luta muda a vida! É extremamente imperioso fazer pressão na representação estudantil e nos professores, assim como o é participar ativamente das discussões e batalhas! Sem mais delongas, esperamos contar com vocês neste semestre e em todos os demais! Chega de ser acusado de “vanguarda iluminada”, acho que ninguém que lê estas linhas gosta de ser chamado de “pelego” e/ou “alienado”, certo ou errado?



John Lewis Gaddis é professor titular da cátedra Robert Lovett em História Militar e Naval, na Universidade de Yale. Uma autoridade reconhecida em história da Guerra Fria, suas publicações incluem "We Now Know", "The long Peace" e "Strategies of Containment".

Utilizando-se de analogias e exemplos bastante atuais, o seu recente trabalho "Paisagens da História: como os historiadores mapeiam o passado" é uma leitura provocativa e acima de tudo combativa nos seus esforços para esclarecer o que é a história como conhecimento e de que maneira, de fato, o produz. Na sua intenção de atualizar o debate epistemológico, John Lewis Gaddis conclama os historiadores a rediscutir seus métodos e repensar o lugar da história no rol dos conhecimentos produzidos pelo homem. Certamente um grande contragolpe aos recentes ataques do pensamento pós-moderno, que questionam os métodos da história, seus objetos e até suas finalidades, negando, não raro, sua validade como conhecimento.

Apesar de trazer a tona novas proposições e análises sobre a história e seu estatuto, Gaddis mantém um intenso diálogo com outras produções do gênero, notavelmente Marc Bloch em "Apologia da História, ou, O Ofício de Historiador" e E. H. Carr em "O que é História?". Incorpora debates acerca do caráter nebuloso da história, discutindo o alcance dos historiadores ao único banco de dados que nós, indivíduos, possuímos. Introduce a idéia de utilizarmos o conhecimento histórico para nosso amadurecimento, pelo caminho do reconhecimen-

\* \* \*

"O estudo do passado não é um guia seguro para prever o futuro. Porém, ele nos prepara para o futuro, expandindo nossa experiência, fazendo com que possamos aumentar nossas habilidades, nossa energia e se tudo for bem, nossa sabedoria."

\* \* \*

to de nossa significância e insignificância diante do passado histórico. Caminha ainda em direção a definição de passado, no que chamamos genericamente de tempo. Porém, destaco a caracterização do ato de "mapear o passado", a profissão por excelência do historiador, como o "epicentro" da obra.

Na tentativa de solucionar o impasse história arte x história ciência, Gaddis conduz-nos a repensar as "ciências da natureza" assim como as "ciências sociais". Divide aquelas entre as ciências laboratoriais (que utilizam a experimentação, empíricas) e as não-laboratoriais (que utilizam abstrações mentais para a solução de seus problemas); entre estas, a biologia evolucionista, a geologia e a astronomia, nas quais vemos a impossibilidade de experimentação, seja pela distância física de seus objetos de observação, seja pela distância temporal dos processos analisados. Com isso, assumir ser a história algo próximo destas ciências não-laboratoriais, parece-me um argumento coerente, demonstrando que de fato a história não está muito distante do pensamento científico. Mas será ela simplesmente uma ciência não-laboratorial?

Neste ponto, é importante dizer que o historiador utiliza-se de uma abstração de seus objetos de pesquisa, reconstruindo mentalmente o passado histórico, condensando informações e processos que julga úteis, narrando-as e explicitando-as em suas produções historiográficas. Seus relatos, longe de reproduzir integralmente o passado, são representações em escala de recortes construídos pelo historiador; sendo exatamente neste ponto que o discurso pós-moderno tenta destituir a validade do conhecimento histórico, por ser somente uma representação da realidade. Mas não são os mapas representações da realidade? Alguém duvida do fato deles representarem uma realidade muito concreta, como a posição dos continentes, mares e montanhas. Ou seja, trabalhamos à

\* \* \*

"Os artistas, em geral, não têm suas fontes corroboradas. Mas os historiadores sim. Este fato nos deixa suspensos em algum lugar entre as artes e as ciências: sentimo-nos livres para pairar acima das restrições do tempo e do espaço, de usar nossa imaginação, de ousar como fizeram os roteiristas de Jornada nas Estrelas em sua inexorável busca pela perfeição de ir aonde ninguém irá ou foi antes. Mas temos de fazer isso de tal modo que convençamos nossos alunos, nossos colegas e qualquer pessoa que leia nosso trabalho que este desprendimento das dimensões em que habitualmente vivemos nos dá, na verdade, informações confiáveis de como viviam as pessoas no passado. Não é uma tarefa fácil."

\* \* \*

maneira dos cartógrafos, construindo representações da realidade em escala, para torná-las acessíveis aos nossos leitores, todavia enquanto eles trabalham com o espaço (e o homem no espaço), trabalhamos com o homem no tempo.

No entanto, a orientação dos historiadores na procura pelas causas de seus problemas é, salve nítidas problemáticas metodológicas, a localização de variáveis interdependentes, ou seja, causas que são interligadas e que vão gerar conseqüências, em maior ou menor grau. Diferentemente de muitas das demais ciências sociais, em destaque a sociologia, a ciência política, a economia, a psicologia, teorias acerca das relações internacionais etc. que debatem e buscam, sempre que possível as variáveis independentes, causas únicas de seus objetos. Dessa forma, o argumento central de Gaddis é de que a história, apesar de utilizar-se de uma representação do passado, que obviamente utiliza-se da síntese - recorte das temáticas e dos argumentos considerados importantes - está muito mais ligada às novas ciências do caos, física do caos, a biologia evolutiva entre outras, que às conhecidas ciências sociais.

A constatação lógica é de que a história está em consonância com o que há de mais novo no pensamento

científico, utilizando-se de variáveis interdependentes para apontar as possíveis causas dos eventos (objetos) analisados. De modo que demonstra-se impossível prestar-se a previsão de eventos futuros. Afinal, analisar eventos, apontando suas possíveis causas pretéritas é um processo válido e eficiente, à medida que consegue convencer a todos de suas causas lógicas. Por outro lado, destacar variáveis independentes, sob uma análise sincrônica, geralmente em pró da explicação, subentende-se previsão do que acontecerá no futuro, demonstra-se uma simplificação da realidade, que não é linear, mas sim caótica. Contudo, salve algumas exceções, assim parecem caminhar as ditas "ciências sociais", gerando previsões das ações humanas através de análises psicológicas. Previsões de ações políticas. Previsões acerca do comportamento de uma determinada sociedade e suas partes. Previsões do comportamento da economia, estas então vemos aos montes.

O fato é que não é preciso dizer que muitos desses especialistas batem com a cara na parede ao se lançar nessa loteria, e que suas previsões, geralmente, são falhas.

Guilherme P. Bresciani C. Linhares, 3ºp

## OFICINA de TEATRO

Gosta de teatro? Venha conhecer a **Companhia Teatro de Grupo** e participar de nossa oficina!

Dia 25 de abril, 17h  
5º andar do DCE-UFF

"No mínimo nos ignoram,  
no meio nos imitam  
O incômodo é só um terço do caminho.  
E o caminho, é o transpasso do incerto,  
a medida indeterminada.  
É chegada a hora do grande despertar  
Somos o círculo e o fogo duvidoso  
A embriaguez, é só o prelúdio do manifesto.

Caio Di Palma de S. Medeiros



## A roda

**Divulgação:** Camila Moraes, Leonardo Leitão.

**Edição:** Daniel Tomazine, Hippolito do Campo, Leonardo Leitão, Ludmila Gama, Luiz Andrade, Sílvia Oliveira.

**Textos editoriais:** Lucas Hippolito, Lucas Parente.

**Textos ineditoriais:** Carolina Von der Weid, Leonardo Leitão, Thiago Krause, Rodrigo Lamosa, Daniel Nunes, Rafael Rossi, Monique Lemos, Lucas Parente, Pedro Junqueira, João Pedro Fagerlande, Fernando Mendes, Luis Andrade, Daniel Tomazine, Sílvia Oliveira, Vitor Fraga, Guilherme Linhares.

**Desenhos originais:** Lucas Von der Weid, Leonardo Leitão.

**Revisão de texto:** Marco Marques, Regina Hippolito.

**Impressão e cópia:** Daniel Teixeira, Lucas do Campo.

Agradecemos à **Aduff** pela doação do papel e ao **ICHF** por ceder o uso da copiadora

(Carlos Eduardo Novaes)

Pouca gente percebeu quando o cadaver, coberto por um lençol, entrou na sala de cirurgia do Hospital de Brasília. Lá dentro, médicos, enfermeiros, militares, autoridades, parlamentares, representando as mais diferentes alas e partidos, preparavam-se para dar início a uma fantástica experiência: a criação de um candidato de consenso. Teríamos, enfim, um homem-síntese de todas as desencontradas e inconciliáveis correntes político-ideológicas e tupiniquins. Talvez, até, quem sabe, um super-homem.

Estamos em agosto de 1984. O país permanece parado. Acontecia o que todo mundo previu desde o dia seguinte da derrota da emenda do Dante: Governo e Oposição não chegavam a um acordo. O Governo negociava tudo, menos diretas já. A Oposição também fazia qualquer negócio, desde que começasse pelas diretas já. Diante da permanência do impasse, o Governo retomou a idéia do candidato de consenso. Teria que ser alguém que conciliasse o Governo com o PMDB, com o PT, com os presidenciais, com o PVT, com os militares, com os Pro Diretas, com o PDS, com o PTB, com o FMI. Teria que ser um Frankenstein.

O corpo-base não foi difícil de encontrar. Bastava que o corpo fosse branco, maior de 35 anos e gozasse boa saúde. O médico-cirurgião pediu silêncio na sala.

Tudo pronto, explicou que a operação se faria por partes, pegou o bisturi e perguntou ao grupo, recolhido a um canto:

- De quem serão os olhos?

O representante da corrente do Ministro do Interior levantou o braço:

- Creio que podemos colocar os do Andreazza. Não me lembro do último presidente de olhos azuis.

O médico se curvou sobre a mesa. Foi interrompido por um representante do PMDB:

- Um momentinho. Isso não é concurso de beleza. Sugiro os olhos do Ulisses. Ele vê mais longe.

O médico se curvou sobre a mesa. Foi interrompido pelo representante do ex-Governador de São Paulo:

- Por que não o Maluf? O país inteiro sabe que ele tem olhos de linco.

O médico ficou aguardando, enquanto as correntes discutiam os olhos da criatura de consenso. Ricaram os olhos do Maluf. Enquanto à boca? O representante do Ministro do Interior saltou dela:

- Vamos botar a do Andreazza. Ele tem um sorriso lindo...

- Mas não terá muitas chances de sorrir disse alguém. O momento é da maior gravidade. Sugiro a boca do ex-ministro Maximiano.

- A boca do ex-ministro fala demais ponderou o presidente do Congresso. Vamos colocar a boca do Figueiredo... com biquinho e tudo.

O médico colocou a boca e partiu para as orelhas. Os militares logo pensaram no Cesar Cais. Depois de muita discussão disseram as orelhas do Ulisses. E quem melhor ouve as reivindicações do povo. E o nariz? As opiniões foram unânimes:

- Se pode ser do Tancredo. E o mais

bonitinho de todos. Além disso, Tancredo tem o olfato mais apurado do país.

A criatura de consenso estava ficando uma maravilha: os olhos do Maluf, a boca do Figueiredo, as orelhas do Ulisses, o nariz do Tancredo. E os cabelos?

- Bem, creio que agora chegou a vez do Andreazza, com seus cabelos cor de prata.

A sugestão não foi aceita. Se ainda fossem os cabelos do peito... Os cabelos da cabeça eram muito importantes.

- Bota aí os sedosos cabelos do Otávio Medeiros.

O Aureliano entrou com o pescoço, o Albérico Cordeiro, do grupo Pro-Diretas, entrou com o bigode, o Lula entrou com as pestanas e quem entraria com a testa?

- Já viram a testa do Andreazza?

O representante da corrente socialista reivindicou:

- Creio que a testa só pode ser do Brizola.

O Governo reagiu:

A testa do Brizola junto com o cabelo do Otávio Medeiros? Nem pensar.

Foi uma dificuldade para costurar um pedaço do Brizola na criatura de consenso. Deram-lhe o umbigo. A cirurgia chegava ao fim. Faltava apenas a parte mais importante: o cérebro. O médico perguntou: Vai ser de quem?

A Oposição gritou, unida:

- Do Fernando Henrique Cardoso.

O Governo também gritou, ao mesmo tempo:

- Do General Newton Cruz.

Nenhum dos lados quis ceder. Criava-se um novo impasse. O pessoal se retirou para a sala do lado e, depois de muita conversa, Tancredo voltou com a solução.

- Coloque um hemisfério do Fernando Henrique e o outro do Newton Cruz.

Assim foi feito. O

médico terminou a cirurgia e chamou a todos para ver de perto a criatura de consenso. Uma forte emoção percorreu os presentes. Enfim, o Brasil, com seu jeitinho de fazer as coisas, encontrara a solução. Um candidato com o nariz do Tancredo, os olhos do Maluf, a boca do Figueiredo, o pescoço do Aureliano, os cabelos do Otávio Medeiros, as pestanas do Lula e o umbigo do Brizola não podia falhar. O doutor ligou a chave, o corpo estrebuchou sobre a mesa e ganhou vida. Mais alguns minutos, diante de uma grande expectativa, a criatura ergueu-se e sentou-se na cama. Figueiredo, como Presidente da República, foi escalado para lhe dirigir a primeira palavra. Aproximou-se, meio sem jeito, e perguntou como ele pretendia conduzir o país.

- Bem disse a criatura com sua voz cava. Teremos uma constituinte com emergências e diretas já no Colégio Eleitoral. Sou a favor de uma democracia sem povo.

Levantou-se e saiu. Carregava a Declaração dos Direitos Humanos numa das mãos e o bastão de comando na outra. Os homens do Governo abriram um largo sorriso. O país estava salvo.

\* \* \*  
\* \* \*  
\* \* \*

Em tempo, o texto é de 1985, faz parte do livro: O day after do carioca, publicado pela editora Nordica no Rio de Janeiro.

Joia rara. Pois, com a sagacidade do sarcasmo, fez dessas palavras uma bola de cristal artística. Ou seria um mau agouro? Cruzes.

P. S.: E o Andreazza?..